

A integração da língua e da cultura no processo de tradução

Klondy Lúcia de Oliveira Agra*

Índice

1 Introdução	1
2 Língua, cultura e tradução	2
3 Tradução: equivalências e valores culturais	6
4 Outros fatores importantes ao processo de tradução	10
5 A tradução pós-colonial	12
6 Conclusão	14
7 Referências	16

Resumo

Os profissionais da tradução têm em suas mãos a responsabilidade de transportar a diversas culturas textos de autores variados, com sentidos construídos dentro de um contexto determinado, em definidos cenários, com o cuidado de, ao traduzir a língua, não mudar seus sentidos. Este artigo tem como objetivo discutir esta atividade e levar o tradutor e estudantes de Letras e áreas afins a observarem que é através da integração da Língua e da Cultura, que se esclarece o problema da significação e encontra-se o

caminho à resolução de problemas inerentes ao sentido na tradução, conduzindo-os a traduções interculturais.

Palavras-chave: tradução, sentido, cultura, língua.

1 Introdução

Por entender que a Língua e a Cultura são fatores dominantes que fazem da tradução uma atividade intelectual tão indispensável quanto complicada e que a apropriação de uma língua estrangeira é uma experiência muito densa e profunda, pois pressupõe a apropriação de sentidos, acredita-se e propõe-se através deste artigo que estudantes de Letras e profissionais da tradução passem a desvendar a questão da significação na tradução através de teorias que conduzam a tradução intercultural. Tal crença e proposta baseiam-se no fato de que a tradução não está ligada à significação como a encontramos no dicionário, ou seja, a associação do significado ao objeto do mundo ao qual a palavra se refere ou a descrição das propriedades do seu referente, mas sim, aos sentidos culturalmente construídos, ao subjetivo, a visão de mundo de cada indivíduo.

Para alguns teóricos, tais como Hawkes

*Mestra em Lingüística pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Pesquisadora do NEC – UNIR. Professora e Coordenadora do Núcleo de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão da Faculdade Interamericana de Porto Velho – UNIRON.

(1977) e Bassnett (1991), a análise da tradução é um processo que, apesar de ter um núcleo centrado na atividade lingüística, pertence mais apropriadamente à Semiótica, a ciência que estuda ou estrutura o sistema dos sinais, seus processos e suas funções.

Neste artigo, vê-se a Lingüística¹ como parte da Semiótica² e acredita-se que é com a compreensão da construção dos sentidos³ e com o estudo da Semântica, subdivisão da Lingüística que desenvolve seus estudos através da manifestação desses sentidos, que problemas extralingüísticos na tradução serão resolvidos. Tal crença tem como base a concepção de que uma língua natural é um sistema de representação do mundo e de seus eventos e, para que ela possa dar conta disso, usa sinais cujos sentidos são especializados em um contexto, sendo que esse contexto só tem sentido especializado em um cenário que revela uma cultura.

Desse modo, ao fazer um trabalho de tradução, o tradutor deve caminhar pelas duas faces: a face da língua e a face da cultura. Caminho facilitado pela Semântica que traz, através do seu estudo, instrumentos que facilitarão a “correta” compreensão

¹ Concorde-se geralmente em reconhecer que o estatuto da lingüística como estudo científico da linguagem é assegurado pela publicação em 1916 do *Curso de Lingüística Geral* de Ferdinand Saussure. A partir dessa data todo estudo lingüístico será definido como surgido “antes” ou “depois” de Saussure. Cf. In: Dubois et. al, 1993: 389

² A Lingüística, que faz parte da Semiótica, estuda a principal modalidade dos sistemas sígnicos, a das *línguas naturais*. Cf. In Lopes:1997:17.

³ Utiliza-se nesta pesquisa a unidade de sentido (*Sinn*) de Frege (1892) e seus fundamentos. In: *On Sense and Meaning*. Cf. In Adams and Searle, 1985:623. Nesse artigo, Gottlob Frege, filósofo alemão, discute sobre o sentido e o referente (*Sinn - Bedeutung*).

para a leitura do cenário a ser traduzido. Pois, ao entender o sentido construído culturalmente, esse tradutor estará compreendendo significados especializados num determinado grupo social e, com o estudo profundo e simultâneo da língua e da cultura, é que evitará conclusões ambíguas e obterá bom nível de compreensão.

2 Língua, cultura e tradução

A linguagem é um código simbólico através do qual mensagens são transmitidas e entendidas, informações são decodificadas e classificadas e eventos são anunciados e interpretados, e a Cultura é o conjunto de ações: maneira de vestir-se, escolha de alimentos e modos de comê-los, enfim, todos os modos, hábitos, pensamentos e crenças. Todas as maneiras de atuar que formam os costumes, o contexto, o cenário. Assim como a linguagem, a cultura é um código simbólico através do qual mensagens são transmitidas e interpretadas. Entretanto, mais do que um código, a cultura é um cenário de composições e de orientações para o mundo embalado em símbolos e formas simbólicas. Por tudo isso, ao pensar em fazer um trabalho de tradução, o tradutor não deve levar em conta, somente a transcodificação da palavra, a equivalência de significado, mas sim, deve levar em conta os sentidos do autor, o contexto, o cenário a ser traduzido. Sem agir assim, este profissional estará saltando a conclusões sobre sentidos e significados do autor, fazendo interpretações errôneas, de acordo com seus próprios valores, ou seja, de acordo com seus próprios sentidos, seus pontos de vista.

A cultura de um povo, forma o seu mundo. Estes mundos variam no estilo de construção, em sua operação e manutenção, nas

entidades que os preenchem, decoram e obstruem-os. Variam também em categorias e classes que estes mundos permitem serem classificados. A base de qualquer código cultural é um sistema ideológico através do qual o mundo é definido, descrito e entendido. Neste artigo, acreditamos que a concepção da natureza, da realidade, de seu funcionamento e constituição que um povo adota interfere em sua vida cotidiana porque molda sua orientação de valor, o seu código de costumes e suas estruturas classificatórias.

Os sentidos que levam ao significado revelado por uma cultura são construídos socialmente e, para a compreensão da construção de sentido, seja na interpretação de contextos e cenários formados por pessoas e costumes da nossa própria cultura, ou de contextos e cenários de culturas e línguas diversas, torna-se necessário, inicialmente, aclarar o que entendemos por língua e cultura e a relação entre uma e outra. Porquanto, sabe-se que no panorama da tradução os dois conceitos convivem lado a lado, mas tanto um quanto outro, conduzem a uma visão unilateral do todo, como afirma Witherspoon (1980:2) com clareza: “*Se observarmos a cultura do ponto de vista lingüístico, obtemos uma perspectiva unilateral da cultura; se observarmos a língua do ponto de vista cultural, obtemos uma visão unilateral da língua*”⁴. [Minha tradução]

Susan Bassnett (1991) reafirma este ponto de vista e esclarece:

A língua, então, é o coração dentro do corpo da cultura, e é da interação en-

⁴ If we look at culture from a linguistic point of view, we get a one-sided view of culture. If we look at language from a cultural point of view, we get a one-sided view of language. (In: Witherspoon, 1980:2)

tre a duas que resulta a continuação da energia-vital. Assim, da mesma forma que o cirurgião, operando o coração, não pode negligenciar o corpo que o envolve, o tradutor que trata o texto em isolamento da cultura, esta com seu texto em perigo⁵. (In: Bassnett, 1991: 14) [Minha tradução]

Observa-se, então que uma língua é algo social, histórico, determinado por condições específicas de uma sociedade e de uma cultura e assim, entende-se que, no processo de tradução, o tradutor deve levar em conta os fatores culturais e lembrar que a palavra só tem sentido em um contexto que se especializa neste determinado cenário.

Do ponto de vista da prática de tradução, a cultura é, num sentido mais lato, o lugar do conhecimento intersubjetivo que permite atualizar, cada vez com mais eficácia, uma relação de equivalência interlíngua. A cultura permite intuir, reconhecer, experimentar ou investigar os hábitos lingüísticos e extralingüísticos, as idiossincrasias e os mecanismos inconscientes que podem estar por detrás da produção e recepção do texto de partida e do texto de chegada. Este lugar de operacionalidade é componente insubstituível da competência do tradutor.

Num sentido mais restrito, a cultura aparece-nos também como um contexto que permite, face à plurissignificação e à conotação, selecionar alternativas translatórias nos

⁵ Language, then, is the heart within the body of culture, and it is the interaction between the two results in the continuation of life-energy. In the same way that the surgeon, operating on the heart, cannot neglect the body that surrounds it, so the translator treats the txt in isolation from the culture at his peril. (In: Bassnett 1991:14)

casos em que o contexto lingüístico e o contexto situacional nada podem fazer, especialmente ao nível das conotações e do efeito, onde constantemente se atualizam horizontes de expectativa ideológica, lógica, emocional e textual.

Em ambos os casos, do ponto de vista da prática da tradução, a cultura manifesta-se sempre como espaço de interculturalidade e intersubjectividade, como espaço de busca do outro, da alteridade perdida ou recalcada. Esta idéia também já vem de um tratado de Umberto Eco sobre semiótica, onde se diz “[...] *que a cultura, como um todo, é um fenómeno de significação e comunicação e que humanidade e sociedade só existem a partir do momento em que se estabelecem relações de significação e processos de comunicação*” (Eco, 1975: 36). É verdade que estas relações e estes processos não se esgotam na língua, mas na tradução passam sempre por ela.

Quando falamos de cultura em tradução estamos falando de relações de significação e processos de comunicação que envolvem duas línguas, e às vezes mais, como no caso das citações em língua terceira, dos empréstimos e dos estrangeirismos. Cada uma com as suas peculiaridades e hábitos diversificados, cada uma contemplando variantes pessoais, grupais ou regionais e, às vezes, nacionais. Cada uma com inúmeros componentes da descrição lingüística a ter em conta, todas significantes. Cada componente potencialmente caracterizada pela plurissignificação ou pela extensão do significado⁶.

⁶ A maioria dos dicionários não apresenta a significação da palavra, mas dá uma descrição das propriedades do seu referente, o que se pode chamar com mais precisão de *extensão do significado*. Cf. Ferrarezi Júnior, 2003:69.

Segundo Susan Bassnett (1991), Roman Jakobson distingue em seu artigo “*On Linguistic Aspects of Translation*” três tipos de tradução⁷:

- (1) Tradução Intralingual ou *reformulada* (uma interpretação de sinais verbais por meio de outros sinais na mesma língua).
- (2) Tradução Interlingual ou tradução *adequada* (uma interpretação de sinais verbais por meio de alguma outra língua).
- (3) Tradução Intersemiótica ou *transmutação* (uma interpretação de sinais verbais por meio de significados de sinais não verbais).

Sobre o assunto a autora conclui:⁸

⁷ (1) Intralingual translation or rewording (an interpretation of verbal signs by means of other signs in the same language). (2) Interlingual translation or translation proper (an interpretation of verbal signs by means of some other language). (3) Intersemiotic translation or transmutation (an interpretation of verbal signs by means of signs of nonverbal sign systems). (In Susan Bassnett, 1991: 14)

⁸ Having established these three types, of which (2) *translation proper* describes the process of transfer from SL to TL. Jakobson describes goes on immediately to point to central problem in all types: that while messages may serve as adequate interpretations of code units or messages, there is ordinarily no full equivalence through translation. Even apparent synonymy does not yield equivalence, and Jakobson shows how intralingual translation often to resort to a combination of code units in order to fully interpret the meaning of single unit. Hence a dictionary of so-called synonyms may give *perfect* as a synonym for *ideal* or *vehicle* as a synonym for *conveyance* but in neither case can there be said to be complete equivalence, since each unit contains within itself a set of non-transferable associations and connotations. Because complete equivalence (in the sense of synonymy or sameness) cannot take place in any of his categories. (In Susan Bassnett, 1991: 15)

Tendo estabelecido estes três tipos, dos quais (2) *tradução adequada* descreve o processo de transferência de SL⁹ até TL¹⁰. Jakobson vai imediatamente ao ponto central do problema em todos os tipos: enquanto mensagens podem servir como interpretações adequadas das unidades de código ou mensagens, não existe ordinariamente nenhuma equivalência completa à tradução. Até a aparente sinonímia não produz equivalência, e Jakobson mostra como a tradução intralíngua frequentemente tem de optar pela combinação de unidades de um código para interpretar completamente o significado de uma única unidade. Conseqüentemente um dicionário dos chamados sinônimos pode dar *perfeito* como sinônimo de *ideal* ou *veículo* como sinônimo de *transporte* mas em nenhum destes casos, podemos dizer que haja equivalência completa, desde que cada unidade contém em seu interior um conjunto de associações e conotações intransferíveis. A equivalência completa (no sentido de sinonímia ou igualdade) não acontece em nenhuma das categorias. (In Susan Bassnett, 1991: 15) [Minha tradução]

Assim, quando se procura a equivalência, passa-se a ler a cultura, no sentido restrito, como estratégia de desambiguação, com vista à construção dos sentidos e atualização do significado e obtém-se a certeza de que uma tradução só terá sucesso, como foi dito anteriormente, com o necessário conhecimento da língua pelo autor e com seu envolvimento cultural, tanto com a cultura do autor quanto com a cultura de sua audiência.

⁹ SL Source Language. (Língua pesquisada do texto original)

¹⁰ TL Target Language. (Língua do público alvo)

Vê-se então que, um dos grandes problemas do processo de tradução advém do sentido culturalmente construído pelo autor do texto. Construção do sentido que leva ao fenômeno da plurissignificação, isto é, a característica de uma mesma unidade (palavra ou expressão) poder ter mais que um significado, por vezes mesmo significados contraditórios ou antagônicos. Fato que leva-nos à imediata percepção ao folhearmos um dicionário, cujas entradas, por vezes de páginas, apresentam as várias alternativas de significado (ou extensões do significado). Ora nos casos de plurissignificação, a seleção do significado faz-se através do contexto.

Pode-se dizer, então, que um tradutor que não se envolve com a cultura terá dificuldades em desempenhar o seu papel. Como observamos em Umberto Eco (1975: 75):

A cultura não é só o primeiro passo para se ser humano, isto é, para se poder valorizar a humanidade, como também, enquanto exercício de intersubjectividade, o primeiro passo para a aprendizagem da democracia, isto é para dar voz ao outro, mesmo quando ela não ressoa a nossa. Para se ser universal ou inclusivo, isto é, para não excluir, só falta exercitar a empatia, que é a capacidade de se pôr no lugar do outro, constantemente¹¹.

Chega-se assim, a assertiva de que é com o envolvimento do tradutor com a cultura de

¹¹ The culture is not alone the first step for if human being, that is, to can valorize the humanity, as well as, while intersubjectividade exercise, the first step for the learning of the democracy, that is to give voice to another, even when she does not resound ours. To whether be universal or inclusive, that is, to do not exclude, alone fault exercise the empathy, which is the capacity of if put in place of another, constantly. (In: Eco, 1975: 75)

partida e de chegada que está em jogo a sua competência. A definição de cultura, adiantada anteriormente, traduz-se como a totalidade das formas espirituais / intelectuais (ciência, arte, ética religião, educação, língua), sociais (política, sociedade) e materiais (técnica, economia) que são veículo de manifestação da vida humana, e assim, podemos enumerar, sem dúvida, os campos do saber que, no espaço e no tempo, o tradutor tem de estar preparado para acionar. Porquanto, tendo consciência da pouca utilidade dos dicionários bilíngües para o trabalho de tradução, é certo que, para a construção de sentidos em seu trabalho é necessário que o tradutor use diferentes modos que o levem a significações da cultura do outro. Com este objetivo, seria interessante que o tradutor procurasse por leituras constantes e variadas sobre a cultura do autor; por experiência vivida na cultura a ser traduzida, direta ou indiretamente; pela intuição; pela memória de informações adquiridas; contanto com a capacidade de adaptação aos modelos dos outros pelo princípio da semelhança, com a capacidade de investigação e sem dúvida, com a vigilância e o desenvolvimento da própria capacidade crítica.

3 Tradução: equivalências e valores culturais

É fato concreto que a tradução contribui com a comunicação cultural entre interlocutores de línguas diferentes. No entanto, nenhum texto é mera comunicação de informações e a tradução de texto pode fracassar se somente visar à reprodução de informações do texto original. É importante que a tradução aspire produzir o mesmo interesse no leitor,

inclusive com os choques que o texto original conseguiu produzir em seus leitores.

Os tradutores e teóricos de tradução sempre foram conscientes sobre o trabalho de tradução. As diversas teorias lidas e revisadas no decorrer deste estudo dizem que a boa tradução é aquela que leva em conta o ritmo, as conotações e os dispositivos retóricos usados no texto original. E todas são unânimes em reconhecer que o tradutor deve levar em conta a cultura de origem e a cultura a quem ele dirige a tradução. Somente com o conhecimento das culturas envolvidas no trabalho de tradução é que o tradutor se habilitará a ser mais sensível, reconhecendo o valor artístico do texto original e selecionando equivalentes funcionais na tradução.

A equivalência é o núcleo de uma tradução. Porém, também, ocupa papel controverso na pesquisa de tradução. Catford (1965) define a tradução como a substituição de material textual em uma língua por material de equivalência textual em outra língua. Ele assegura que o problema central da prática de tradução é o de achar equivalências.

Enquanto discutindo a natureza de traduzir, Eugene Nida (1969) assinala que traduzir consiste em reproduzir na língua receptora o equivalente natural mais íntimo da mensagem na língua original, primeiro em termos de significar e segundo em termos de estilo. Ele enfatiza que o tradutor deve se esforçar para utilizar a equivalência em lugar da identidade.

Peter Newmark (1981) apresenta as noções de tradução semântica e tradução comunicativa e oferece princípios para textos de diferentes tipos e níveis que provam ser mais adaptáveis que as noções da equivalência dinâmica de Nida (1969). Reciprocamente, investigamos para nossa pesquisa ambas as te-

orias, os contra argumentos e a equivalência dinâmica. Roman Jakobson assinala que a equivalência é o problema central da língua e o pivô principal da preocupação lingüística. Similar a Nida (1964), ele também discute que desde que nenhuma das duas línguas seja idêntica, os significados dados a símbolos correspondentes também não o são, a entrada como tais símbolos são organizados em frases ou orações também não o é, assim, não há razão para que haja correspondência absoluta entre as línguas. Além disso, Mona Baker (1992) sugere que tradutores adotem o termo “equivalência” por conveniência, apenas porque a maioria de tradutores está acostumada a isto, em lugar de qualquer condição teórica. Ela conclui que “equivalência” pode normalmente ser obtida até certo ponto, e é então sempre relativa. Em resumo, pode-se dizer que “equivalência” sempre tem a noção de relativo. Porém, é o objetivo maior que todo tradutor deve se esforçar para realizar. É seguro afirmar, então que, a noção de equivalência é aspecto importante no estudo da teoria de tradução e em trabalhos práticos de tradução.

A reprodução do estilo original também tem sido a preocupação de teóricos de tradução. E encontramos opiniões quase unânimes que afirmam que os tradutores deveriam ser sensíveis para o valor estilístico do original, ou em outras palavras ser armado com estilos literários. Os valores temáticos e estilísticos de uma obra são gerados por formas lingüísticas, valores que demonstram a visão do autor, seu tom e sua atitude. Valores que encarnam o entrosar ou a inconstância de pontos de vista (por exemplo: as mudanças de registro) e que, adicionam a força afetiva ou emotiva da mensagem. Força que contribui para a caracterização e faz a reali-

dade imaginária funcionar mais eficazmente na unidade temática. Todos estes pontos contribuindo para o significado total do trabalho.

Segundo teóricos da tradução, os tradutores devem pensar nas traduções como negociações. Pois, a tradução lida com o outro. É antropológico, é transgressão da essência invariável do original. Cada tradução, então, é popularmente concebida como a construção e reconstrução de sentidos para a leitura do significado.

Quanto a esta negociação no trabalho de tradução Hawkes (1977) diz:

O primeiro passo para um exame no processo de tradução deve ser aceitar que embora o núcleo central da tradução esteja na atividade lingüística, pertence mais corretamente à semiótica, a ciência que estuda sistemas de sinais ou estruturas, processos e funções de sinais¹². (In Susan Bassnett, 1991:13) [Minha tradução]

São várias as teorias e autores que tratam sobre tradução. Assim, observam-se também, teorias da tradução utilizadas no estudo de línguas diversas. E nota-se que, a prevalência nas abordagens apresentadas na Alemanha (particularmente Hönl e Kussmaul, 1982; Reiss e Vermeer, 1984; Holz-Mäntäri, 1984¹³); é a orientação seguida nesta pesquisa, em direção ao cultural mais do que a orientação para a transferência lingüística.

¹² The first step towards an examination of the processes of translation must be to accept that although translation has a central core of linguistic activity, it belongs most properly to *semiotics*, the science that studies sign systems or structures, sign processes and sign functions. (In Bassnett, 1991: 13)

¹³ ver também a coleção de ensaios de Snell-Hornby, 1986^a.

Tais abordagens vêm a tradução não como um processo de transcodificação, mas como um ato de comunicação, fato também levado em conta no decorrer da análise feita neste trabalho. Tais abordagens são todas orientadas em direção da função do texto-alvo (tradução prospectiva) mais do que em direção das prescrições do texto-fonte (tradução retrospectiva). Assim sendo, procurou-se neste estudo, ver o texto tal como estas abordagens o vêem, ou seja, como uma parte integrante do mundo e não como um espécime isolado de língua.

A contribuição principal para a abordagem descrita acima foi feita por Hans J. Vermeer, cuja *Skopostheorie*, baseada na função do texto traduzido (GK. *Scopos* = objetivo, alvo), é apresentada em Reiss e Vermeer (1984).

Vermeer, por muitos anos, fez oposição veemente à visão que considera a tradução como meramente uma questão de língua: para ele tradução é primordialmente uma transferência transcultural¹⁴, e em sua visão o tradutor deve ser bi-cultural, senão multicultural, o que naturalmente envolve o domínio de várias línguas, já que língua é parte intrínseca da cultura. Vermeer considera a tradução, essencialmente, como uma forma de ação, “Sondersorte von Handeln” (1986:36). Em outras palavras, a tradução pode ser descrita como um “evento transcultural”¹⁵. Isto se aplica tanto para pares cujas línguas são próximas culturalmente (como o inglês e o alemão) bem como para pares cujas línguas têm conexões culturais mais distantes (como o finlandês e o chinês): a diferença é de grau

e não de tipo. Vermeer descreve o seu conceito de tradução da seguinte forma:

Tradução não é transcodificação de palavras ou sentenças de uma língua para outra, mas uma complexa forma de ação, por meio da qual informações são geradas em um texto (material da língua-fonte) em uma nova situação e sob condições funcionais, culturais e lingüísticas modificadas, preservando-se os aspectos formais os mais próximos possíveis. (Vermeer, 1986:33).

Todavia a característica mais marcante da abordagem de Vermeer é a função do texto-alvo, que pode muito bem diferir da função original do texto-fonte. Nesse contexto, Vermeer introduziu dois termos: *Funktionskonstanz* (função constante, não-modificada) e *Funktionsveränderung* (função modificada, por meio da qual o texto é adaptado para corresponder a necessidades específicas na cultura-alvo). Essa abordagem implica algo muito importante, que foi amplamente ignorado tanto pela abordagem tradicional quanto pela abordagem lingüística de tradução: a tradução *per se* não existe, tampouco a ‘tradução perfeita’. Uma tradução é diretamente dependente da sua função prescrita, que deve ser claramente definida desde o começo. Para Vermeer, a tradução é sempre relativa à situação dada, e, por isso, sua abordagem é essencialmente *dinâmica*. Ele mesmo a descreve da seguinte forma:

Como não podemos dizer que um dado texto é um texto pragmático, um pedaço de propaganda, mas que apenas pretende ser um, é entendido, traduzido ou interpretado enquanto tal, temos de escolher

¹⁴ ver Vermeer, 1986.

¹⁵ cf. Snell-Hornby, 1987.

uma maneira mais dinâmica de organizar as palavras e dizer que a decisão depende do objetivo da tradução. (Reiss e Vermeer, 1984:29)

Uma abordagem de tradução bastante semelhante, mas com um viés mais lingüístico, é apresentada no interessante livro *Strategie der Übersetzung*, escrito por Hans G. Hönig e Paul Kussmaul (1982). O ponto de partida de Hönig e Kussmaul é a concepção de texto como o que chamam de “a parte verbalizada de uma sócio-cultura” (1982:58):

[...]o texto se sustenta em uma dada situação e é condicionado pela sua experiência sócio-cultural. A tradução, então, é dependente da sua função como um texto ‘implantado’ em uma cultura-alvo. O critério básico para atingir a qualidade de uma tradução é chamado de “grau necessário de diferenciação”, que representa “o ponto de intersecção entre a função do texto-alvo e os determinantes sócio-culturais” (de Hönig e Kussmaul 1982:53).

Para Koller (1992:148), a tradução é um procedimento altamente complexo envolvendo as mais diversas condições e fatores lingüísticos, comunicativos, culturais etc. Klein (1992:106) diz que o que torna especial a tradução é o fato de o tradutor, ao contrário do falante comum, não ter a liberdade de colocar em palavras o que ele pensa, mas sim o que ele diz é pré-determinado em formas de palavras e orações, só que em outra língua. O tradutor precisa extrair-lhes mais do que o significado, o sentido. Unem-se aqui os processos de compreensão e produção, algo que não acontece na fala co-

mun. Mas, segundo o autor, tanto a fala comum como a tradução podem ser pesquisadas com base no processo ou com base no produto. Pensando no processo da tradução, segundo Klein, estamos diante de duas questões: como entendemos o texto e como expressamos em outra língua um conteúdo pré-determinado?

No entanto, na maioria das teorias, pesquisa-se o produto, ou seja, o texto traduzido e a sua relação com o texto original. Segundo Paulo Ronai (1987) a fidelidade alcança-se muito menos pela tradução literal do que por uma substituição contínua. A arte do tradutor consiste justamente em saber verter e quando deve procurar equivalências.

Na prática, teóricos não só consideram equivalência como o padrão para avaliarem traduções em dimensões de macro, mas também como equilíbrio na transferência de diferentes tipos de textos e de diferentes níveis de elementos lingüísticos. Neste estudo, consideramos a equivalência como a diretriz na tradução, acreditando firmemente no que Sapir e Whorf acreditaram¹⁶: “*Nenhuma língua pode existir a menos que esteja num contexto cultural; e nenhuma cultura pode existir sem que tenha em seu núcleo, a estrutura da língua natural*” (In Bassnett, 1991:14). [Minha tradução]

Vê-se então que, apenas a equivalência de significados não são critérios satisfatórios para a correta tradução e que o tradutor de significados não vai além de uma tradução literal da língua. O “verdadeiro” tradutor é aquele que leva em conta os sentidos, sua

¹⁶ No language can exist unless it is steeped in the context of culture; and no culture can exist which does not have at its center, the structure of natural language. (In: Bassnett-McGuire, 1991:14)

criação, a cultura, faz o papel de ponte entre línguas e universos diferentes. Ou seja, o tradutor não deve ter a concepção de significante como sendo apenas a palavra. Deve lembrar em seus trabalhos de tradução que a língua natural não é significativa e representativa a partir da palavra, não é estruturada a partir da palavra, nem estudável a partir dela. Deve convencer-se da pouca importância da significação da palavra. E que, não faz sentido fazer uma tradução da palavra pensando estar traduzindo um texto que envolve conhecimentos, cenários, cultura.

Considera-se muito importante a capacidade do tradutor de reconhecer que o referente da palavra faz parte da realidade objetiva do mundo. Que qualquer que seja a palavra, antes de ter uma significação, passa pelo sentido – e talvez pela representação e chega ou não ao referente, conhecido como significado. E que, no que tange aos sentidos das palavras, há interferências externas muito nítidas (fatores culturais) que exigem tradutor especial cuidado na realização do seu trabalho.

4 Outros fatores importantes ao processo de tradução

A tradução sendo um processo que envolve fatores culturais, envolve uma série de fatores que podem facilitar ou mascarar a leitura do cenário pelo tradutor, influenciando na interpretação da obra trabalhada e, partindo-se do fato que a significação da palavra é uma questão que envolve a construção do sentido, chega-se a Benveniste (1996) e a questão sobre a relação que envolve o locutor, a enunciação e o interlocutor: *“o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia*

sua posição de locutor por índices específicos, dá relevo ao papel do sujeito falante no processo da enunciação e procura mostrar como acontece a inscrição desse sujeito nos enunciados que ele emite”. Ao falar em posição do locutor, Benveniste levanta a questão da relação que se estabelece entre o locutor, seu enunciado e o mundo. E lembrando esta relação, que sempre está presente nos processos translatórios, remete-se ao estudo feito por Raccah (2002) denominado *A Semântica dos Pontos de Vista*, no qual o autor propõe e defende uma aproximação das relações entre a pragmática, a semântica e a cognição, aproximação que segundo ele, é a mais adequada para uma teoria científica das línguas e, em particular, aos fenômenos da construção dos sentidos, que é o objeto desta pesquisa.

Pierre-Yves Raccah faz digressões sobre o que se pode ver e como se pode ver as coisas, fazendo-nos reafirmar a teoria de que o sentido de um enunciado não é percebido, é construído, ou seja, a interpretação se dá com o conhecimento do contexto e do cenário, como já explicitamos anteriormente. Raccah¹⁷ exemplifica sua teoria e conclui:

[...] cada enunciado, por mais que utilize as mesmas palavras, evoca pontos de vista que pertencem a cultura de uma comunidade lingüística, ou melhor da comunidade lingüística a que pertence o falante. Assim, vê-se indiretamente o pa-

¹⁷ [...] cada enunciación, por las palabras mismas que utiliza, evoca puntos de vista que pertenecen a la cultura de una comunidad lingüística y respecto a los cuales el hablante tiene la facultad de pronunciarse. Asimismo, hemos visto indirectamente el papel de las representaciones colectivas en la construcción de una realidad que constituye el objeto del discurso. (In Letras de Hoje, 129, 2002:69)

pel das representações coletivas na construção de uma realidade que constitui o objeto do discurso.

Assim, em vez de se pretender descrever o significado como núcleo lógico de um sentido subjetivo, convém considerar o significado como instrução (objetiva) para a construção do sentido (subjetivo). (In Raccah, 2002:69) [Minha tradução]

Assim, compreende-se que o tradutor, ao ler a obra a ser traduzida, deve levar em conta também pontos de vista do autor para a correta leitura e interpretação do seu texto, com a teoria de Raccah¹⁸, ainda observa-se o seguinte pensamento:

Desta maneira, vê-se o falante como um manipulador que, utilizando sua língua como ferramenta, empurra (ou tenta empurrar) o ouvinte a construir um sentido subjetivo, que o próprio falante só pode vislumbrar, mais ou menos, em função do seu conhecimento da subjetividade do ouvinte. (In Raccah, 2002:70) [Minha tradução]

Portanto, cabe ao tradutor, observar, visando o sucesso do seu trabalho, a relação do dizer do autor e as condições de produção desse dizer, com isto volta-se a afirmativa anterior, de que para que a tradução tenha sucesso, o tradutor deve envolver com a cultura de partida e de chegada, para que traduza sentidos de cultura a cultura e não dê interpretações errôneas.

¹⁸ De esta manera, se ve al hablante como un *manipulador*, quien, utilizando su lengua como herramienta, empuja (o intenta empujar) al oyente a construir un sentido subjetivo, que el hablante mismo sólo puede vislumbrar más o menos, en función de su conocimiento de la subjetividad del oyente. (In Letras de Hoje, 129, 2002:70)

Segundo Sapir (1927), inúmeras atividades nas interações humanas operam de acordo com um código elaborado e secreto que não está escrito em parte alguma, conhecido de ninguém, porém compreendido por todos. Entende-se que Sapir esteja aí se referindo a cultura encoberta ou implícita¹⁹. Cujas significação, de acordo com Epstein (1993), recobre aqueles segmentos da cultura que não são explicitados pelos seus portadores, mas que devem ser reconstituídos pelo analista. Segmentos da cultura recheados de fatores que influem na leitura e compreensão de dados, fatores tais como: diferenças culturais geradoras de preconceitos, sentidos colonialistas e outros que se não forem investigados e descobertos pelo tradutor, este profissional incorrerá em equívocos e pontos de vista enganosos.

Para tais esclarecimentos, aconselha-se ao tradutor procurar esclarecimentos através de bibliografia específica, tais como Foucault, 1980; Guha, 1982; Sapir, 1927; Sharma, 2000; Spivak, 1985; Parry, 1987; Fanon, 1952, entre outros que tratam sobre o discurso colonizador. A partir daí, observar a presença de tal discurso na obra. Pois, entende-se que o processo de colonização começa primordialmente através da linguagem e que este controle - quer através do apagamento das línguas nativas, quer pelo estabelecimento da linguagem colonial como "padrão" pelo qual se medem possibilidades de ascensão pessoal e profissional - permanece sendo o mais poderoso instrumento de controle cultural. Já que, a linguagem fornece os termos pelos quais o mundo

¹⁹ *Covert or implicit culture*, conceito introduzido na primeira metade do nosso século por antropólogos norte-americanos, entre os quais C. Kluckhohn e R. Clinton.

passa a ser conhecido; sistemas de valores, conceitos, e mesmo noções aparentemente simples sobre as coisas e fatos do dia-a-dia se tornam a base do sistema sobre o qual os vários discursos coloniais como o social, o político, o econômico e o cultural são construídos. Entendendo-se, então que por tratar-se do envolvimento de línguas diferentes no trabalho de tradução, muitas vezes, do colonizador e do colonizado, acredita-se que tais estudos são imprescindíveis na execução deste processo.

Em Michel Foucault (1980) *Power/Knowledge: Selected Interviews and Other Writings*, vê-se sobre a idéia que estrangeiros têm em relação à cultura colonizada. E o que este autor chama de "conhecimento subjugado", ou seja, "*todo um conjunto de conhecimentos que foram desqualificados como inadequados ou insuficientemente elaborados: conhecimentos ingênuos, colocados em uma posição inferior na hierarquia dos conhecimentos, abaixo do nível exigido pela cognição e pela cientificidade*" (Foucault, 1980).

Cabendo, assim, ao tradutor a leitura da obra original, registrando conceitos ou "visões de mundo" diferenciadas, carregadas de preconceitos²⁰. Palavras, expressões ou cognomes que traduzam conceitos a serviço do colonizador. Muitas delas criadas pela própria comunidade descrita na obra, a partir de idéias ou concepções que lhes foram periodicamente passadas de variadas formas diferentes. Muitas vezes pelo próprio colonizador, pelos antepassados, pela escola etc.

²⁰ O conceito de "preconceito" aqui adotado é sob a perspectiva de Agnes Heller. Para ela: "devemos nos aproximar da compreensão dos preconceitos partindo da esfera da cotidianidade". Ver: Agnes Heller, *O cotidiano e história*, 1985, p. 43.

Na observação da obra original, o tradutor deve levar em conta essa dinâmica da cultura que misturou o olhar do autor estrangeiro em uma cultura miscigenada diante de um confronto com um novo modelo, muitas vezes imposto, mesclado de elementos do passado e dos apelos do momento, igual à cultura descrita em *Marxismo e Literatura* de Raymond Williams (1986). Autor que denominou essa situação cultural como hegemônica (a que pressiona pela mudança), residual (a que busca dados no passado, na tradição) e emergente (a que resulta da tensão), que funcionam como um moto-contínuo nas estruturas sociais.

O tradutor, como o autor, deve adentrar, os recônditos do grupo social de partida, tentando vasculhar seus porões e sótãos, onde estão as reservas, ou simplesmente entrar no que se poderia chamar de "cozinha", onde se misturam e processam os ingredientes, transpondo os obstáculos culturais encontrados. Transposição só possível com a reconstrução dos sentidos deste autor na cultura alvo de sua pesquisa.

Com esta diretriz de trabalho, o tradutor deve procurar na análise da obra pela transformação dos papéis e dos significados que compõe a história da obra analisada, mas para decifrá-los e localizá-los, necessita do auxílio de outras áreas do conhecimento que ofereçam suporte teórico para tal interpretação e análise. Suporte oferecido pelas teorias da tradução pós-colonial.

5 A tradução pós-colonial

Como se observa em todos os passos deste artigo, esta análise tem por objetivo apontar caminhos à tradução intercultural. Para que essa tradução ocorra, como já observa-

mos, o tradutor deve fazer uma correta pesquisa levando em conta a cultura do autor e a cultura de recepção, evitando repetir ou perpetuar o discurso colonizador. Buscando e evitando os seguintes itens: vínculos entre centro e margens de domínio intelectual; os apagamentos na tradução praticados por sentidos coloniais às sociedades pós-coloniais, por traduções e relações de força entre a línguas e outros indícios do discurso colonizador; sempre se orientando por farta pesquisa bibliográfica dirigida a este fim. Examinando, sempre que possível, as relações entre língua e poder através dos limites culturais, procurando revelar o papel vital da tradução em redefinir os significados culturais e identidade étnica.

A tradução, conforme Susan Bassnett e Harish Trivedi²¹ (1999), não acontece em um *vacuum*, mas em um *continuum*; e assim complementam:

[...] não é um ato isolado, é parte de um processo contínuo de transferência intercultural. Além disso, a tradução é uma atividade altamente manipulatória que envolve todos os tipos de fases neste

²¹It is not an isolated at, it is part of an ongoing process of intercultural transfer. Moreover, translation is a highly manipulative activity that involves all kinds of stages in that process of transfer across linguistic and cultural boundaries. Translation is not a innocent, transparent activity but is highly charged with significance at every stage; it rarely, if ever, involves a relationship of equality between texts, authors or systems. The essay topics include: links between centre and margins in the intellectual domain; shifts in translation and power relations among languages; Brazilian cannibalistic theories of literary transfer. Examining the relationships between language and power across cultural boundaries, this collection reveals the vital role of translation in redefine the meanings of cultural and ethnic identity. (In Bassnett e Trivedi, 1999:2)

processo de transferência através de limites lingüísticos e culturais. A tradução não é uma atividade inocente, transparente, mas está altamente carregada de significados em todos seus estágios; é raro, se alguma vez, envolve relação de igualdade entre textos, autores ou sistemas. (In Bassnett e Trivedi, 1999:2) [Minha tradução]

O tradutor deve ter consciência e responsabilidade no seu trabalho com a importância do entrecruzamento da pesquisa lingüística e dos aspectos culturais que envolvem o trabalho de tradução. No entanto, quando falamos de tradução pós-colonial, é interessante que fique claro a não inocência da atividade translatória e da possibilidade do autor estrangeiro ao traduzir uma cultura, ler e entender a cultura a ser descrita como uma cultura inferior.

Segundo Bassnett e Trivedi (1999), Octavio Paz²² clama que a tradução é a principal maneira que nós temos de entender o mundo em que nós vivemos. Diz ele:

O mundo é apresentado para nós como um montão crescente de textos, cada um ligeiramente diferente do qual o antecedeu: tradução de traduções de traduções. Cada texto é único, ainda que ao mesmo

²² Octavio Paz claims that translation is the principal means we have of understanding the world we live in. The world, he says, is presented to us a growing heap of texts, each slightly different from the one that came before it: translation of translations of translations. Each text is unique, yet at same, yet at the same time it is the translation of another text. No text can be completely original because language itself, in its very essence, is already a translation - first from the nonverbal world, and then, because each sign and each phrase is a translation of another sign, another phrase. (In Bassnett e Trivedi, 1999:3)

tempo seja a tradução de outro texto. Nenhum texto pode ser completamente original, porque em sua própria língua, na sua essência, já é uma tradução - primeiramente é a tradução do mundo não verbal, e então, porque cada sinal e cada frase é a tradução de outro sinal, de outra frase. (Paz 1992:154 - In Bassnett e Trivedi, 1999:3) [Minha tradução]

Portanto, o profissional da tradução deve levar em conta que a tradução não é uma atividade marginal, e sim, uma atividade essencial, primária e nunca uma atividade inócua. Pois é nela e através dela que um ponto de vista é descrito e divulgado, fazendo jus ou não a cultura descrita; carregando ou não preconceitos.

6 Conclusão

Para fazer-se uma análise investigativa sobre a construção de sentido, tanto na obra original como na tradução, o tradutor deve levar em conta a relação escritor, leitor e tradutor. Para entender a construção do sentido e a ênfase que o sentido da obra, é necessário que o profissional da tradução pense e reconheça, também, a importância da história da tradução e sobre como tal atividade foi usada no início do período da colonização. Como exemplificação, recorreremos à teoria a fim de rever que o processo da tradução e o colonialismo fizeram seu trajeto pela história lado a lado.

Para Eric Cheyfitz²³ (1991:104) a tradução foi o ato central da colonização e do imperialismo europeu na América. Tejaswini Ni-

²³ The central act of European colonization and imperialism in America. (In Eric Cheyfitz, 1991:104)

ranjana²⁴ (1992:2) vai além e sugere que a tradução atua de ambas as formas: “*dentro das relações assimétricas do poder que operam sob o colonialismo*”.

Deste modo, volta-se à revisão teórica de Bassnett e Trivedi (1999) que apresentam artigos de vários autores esclarecendo caminhos à tradução pós-colonial²⁵ e comentam sobre o desenvolvimento de importantes movimentos culturais contra a presença da mentalidade colonialista na literatura²⁶.

Esses trabalhos, se conhecidos e analisados, trazem ao autor maior conscientização sobre os recursos utilizados pelo escritor estrangeiro para sutilmente retratar cenários com valores baseados na suposta supremacia do colonizador. Valores que as traduções pós-coloniais buscam descolonizar, mostrando suas culturas e sociedades, livrando-as deste “falso olhar colonizador”.

Destarte, ao executar a tradução, o tradutor conhecedor de novos rumos da tradução procura por uma tradução que não seja apenas uma cópia fiel do original, mas uma tradução que quebre a noção da tradução colonial como uma cópia empobrecida. Em busca deste objetivo, leva-se em conta a tradução como ferramenta descolonizadora e as seguintes considerações de Bassnett e Trivedi (1999)²⁷:

²⁴ Within the asymmetrical relations of power that operate under colonialism. (In Tejaswini Niranjana, 1992:2)

²⁵ Incluído: *Manifesto Antropófago* de Oswald de Andrade, 1920.

²⁶ Na literatura brasileira tem-se como exemplo *Antropofagia*. Para uma visão mais específica da relação da *Antropofagia* com a tradução, veja Vieira, 1997.

²⁷ 1. So how were the colonies, emerging from colonialism, to deal with that dilemma? How might they find a way to assert themselves and their own

Então como as colônias que emergem do colonialismo, lidam com tal dilema? Como eles poderiam achar caminho para afirmar a eles mesmos a sua própria cultura, rejeitar o apelativo da “cópia” ou “tradução” sem que ao mesmo tempo rejeitem todos os valores vindos da Europa? (In: Susan Bassnett e Harish Trivedi, 1999: 4) [Minha tradução]

Questões respondidas por Bassnett e Trivedi ao citarem Haroldo Campos:

Tradução, diz o grande tradutor brasileiro Haroldo Campos, pode ser comparada à transfusão de sangue, onde a ênfase está na saúde e nutrição do tradutor. Isto é, a tradução deve ficar o mais distante possível da noção de fidelidade para com o original, do tradutor como empregado do texto fonte. Tradução, de acordo com Campos, é diálogo, o tradutor é um leitor poderoso e livre agente como escritor. (In: Susan Bassnett e Harish Trivedi, 1999: 5) [Minha tradução]

Conclui-se, portanto que, o tradutor, como um profissional consciente, esta em constante leitura e análise de novas metodologias

culture, to reject the appellative of ‘copy’ or translation’ without at the same time rejecting everything that might be of value that came Europe? (In: Susan Bassnett e Harish Trivedi, 1999: 4) 2. Translation, says the great Brazilian translator Haroldo Campos, whose work is discussed in detail by Else Vieira in her chapter in this book, may be likened to a blood transfusion, where the emphasis is on the health and nourishment of the translator. This is a far cry from the notion of faithfulness to an original, of the translator as servant of the source text. Translation, according to de Campos, is a dialogue; the translator is an-powerful reader and a free agent as a writer. (In: Susan Bassnett e Harish Trivedi, 1999: 5)

e aprendizagem, sempre levando em conta fatores que influem na leitura e na interpretação do cenário. Buscando por fatores que influem no julgamento e posições na hierarquia literária que envolve o colonizador e o colonizado, observando pontos na obra original e na tradução, a fim de, com conhecimento de causa, possa apontar pontos obscuros ou enganosos na leitura e interpretação do cenário pelo autor e, procurando *o entre espaço*²⁸, fazendo o que podemos chamar de “varredura”, para uma correta análise.

Sobre *o entre espaço* na tradução, Homi Bhabha²⁹ observa:

Nós devíamos lembrar que é o ‘entre’ - o fio cortante da lâmina da tradução e renegociação - o entre espaço - é o que leva o fardo do significado da cultura. É o que faz possível começar a enfrentar histórias antinacionalistas sobre os povos. E, é através da exploração deste terceiro espaço que podemos iludir a política de polaridade e emergir como os outros em nós mesmos.(Bhabha, 1994:38-9) [Minha tradução]

Com esta análise confirma-se que só com o envolvimento do tradutor, procurando ver a tradução como um processo que envolve não só a língua, mas também a cultura, sistemas políticos e a história, é que se dará a tradução intercultural.

²⁸ In-betweenness.

²⁹ We should remember that it is the ‘inter’ - the cutting edge of translation and renegotiation, the in-between space - that carries the burden of meaning of culture. It makes it possible to begin envisaging national anti-nationalist histories of ‘people’. And by exploring this Third Space, we may elude the politics of polarity and emerge as the others of our selves. (In Bhabha, 1994:38-9)

7 Referências

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (2000). *Normas ABNT Sobre Documentação*. In: Manual de Normas de Apresentação de Monografias, Dissertações e Teses - Terceira Edição. Org. por Ferrarezi Jr. Para o Programa de Pós-Graduação -2003. Guajará-Mirim, RO.
- ADAMS, Hazard and SEARLE, Leroy (1985). *Critical Theory*. Flórida: University of Florida.
- BAKER, Mona (1992). *In Other Words: A Coursebook on Translation*. London and New York: Routledge.
- BASSNETT, Susan and TRIVEDI, Harish eds (1999). *Post Colonial Translation: Theory and Practice*. London and New York: Routledge.
- BASSNETT, Susan and TRIVEDI, Harish eds (1991). *Translations Studies*. London and New York: Routledge.
- BHABHA, H. (1994). *The Location of Culture*. London And New York: Routledge.
- BAKHTIN, Mikhail / VOLOCHINOV (1999). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- BENVENISTE, E. (1996). *Problemas de lingüística geral*. São Paulo: Nacional.
- CATFORD, J.C. (1965) *A linguistic theory of translation*. Oxford University Press.
- CHEYFITZ, e. (1991) *The Poetics of Imperialism: Translation and Colonization from: The Tempest to Tarzan*. New York and Oxford: Oxford University Press.
- DICTIONARY (1978). *Longman Dictionary of Contemporary English*. England.
- DUBOIS, Jean et. Al. (1993). *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix.
- ECO, Umberto (2001). *Experiences in Translation*. University of Toronto Press Incorporated. Toronto – Canadá.
- ECO, Umberto (1975). *Trattato di semiótica generale*. Milan: Bompiani. (English Version: *A Theory of Semiotics*. (1976) Bloomington: Indiana UP.
- ECO, Umberto ((1995, 1997). *The Search for the Perfect Language*. London: Fantana Press.
- EMMEL, Ina. “Lingüística e Ciência da Tradução – Existe alguma relação?” In: *Cadernos de Tradução nº II*. Universidade Federal de Santa Catarina.
- EPSTEIN, Isaac (1993). *Gramática do Poder*. São Paulo: Ática.
- FANON, Frantz (1952). *Black Skin, White Masks*. New York: Grove.
- FREGE, Gottlob (1978). *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Cultrix.
- FERRAREZI Jr., Celso. (2003). “Da Natureza do Significado e Suas Implicações”. In: *Livres Pensares*. Porto Velho: Edufro.
- FOUCAULT, Michel (1986) *A Arqueologia do saber*. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense.

- FOUCAULT, Michel (1980). *Power/Knowledge: Selected Interviews and Other Writings*. New York: Pantheon.
- GUHA, Ranajit (1982). "On Some Aspects of the Historiography of Colonial India". In: *Subaltern Studies I: Writings on South Asian History and Society*. Delhi: OUP.
- HAWKES, Terence (1977). *Structuralism and Semiotics*. London: Routledge
- HELLER, Agnes (1998). *O Cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra.
- HOLZ-MÄNTTÄRI, Justa (1984). *Translatorisches Handeln. Theorie und Methode*. Helsinki: Suomalainen Tiedeakatemia.
- HÖNIG, Hans G. e KUSSMAUL, Paul (1982). *Strategie der Übersetzung. Ein Lehr- und Arbeitsbuch*. Tübingen: Narr.
- KLEIN, W. "Was kann sich die Übersetzungswissenschaft von der Linguistik erwarten?". In: *Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik*. Vandenhoeck Ruprecht, 1992, n° 84, pp. 104-123.
- KOLLER, Werner (1992): *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*. 4ª ed. rev. e aum., Heidelberg e Wiesbaden, Quelle & Meyer.
- KOLLER, Werner (1972) *Grundprobleme der Übersetzungstheorie. Unter besonderer Berücksichtigung schwedisch-deutscher Übersetzungsfälle*. Berne: Francke.
- LOPES, Edward (2001). *Fundamentos da Lingüística Contemporânea*. São Paulo: Cultrix.
- NEWMARK, Peter (1981). *Approaches to Translation*, Oxford and New York: Pergamon.
- NIDA, Eugene A. (1991). "Theories of Translation". In: *Languages and Cultures in Translation Theories*. Association canadienne de traductologie / Canadian Association for Translation Studies. Concordia University.
- NIDA, Eugene A. e TABER Charles R. (1969). *The Theory and Practice of Translation*. Leiden: Brill.
- NIDA, Eugene A. (1964). *Toward a Science of Translation. With Special Reference to Principles and Procedures Involved in Bible Translating*. Leiden: Brill.
- NIRANJANA, T. (1992). *Siting Translation: History, Post-Structuralism and the Colonial Context*. Los Angeles: University of California Press.
- PARRY, Benita (1987). "Problems in Current Theories of Colonial Discourse". In: *Oxford Literary Review* 9 (1-2): 27-58.
- RACCAH, Pierre Yves.(2002). "La Semántica de los puntos de vista: Hacia una teoría científica y empírica de la construcción del sentido". In: *Letras de hoje*. Porto Alegre: PVC/RS. n° 129, pp. 45-72.
- REIS, Katharina e VERMEER, Hans. J. (1984). *Grundlegung einer allgemei-*

- nen translationstheorie*. Tübingen: Niemeyer.
- RONAI, Paulo (1987). *Escola de Tradutores*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- SAPIR, Edward (1927). “The unconscious patterning of behavior in society”. In: DUMMER.E. S. ed. *The unconscious; a symposium*. New York: Knopf.
- SAPIR, Edward (1921/1971). “A Língua como Produto Histórico: A Deriva.” In: *A Linguagem*. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- SAPIR, Edward (1924/1971). “O Gramático e a Língua.” In: *Linguística como Ciência*. Rio de Janeiro. Acadêmica.
- SHARMA, T. R. S (2000). *Toward an Alternative Discourse*. Shimla: Indian Institute of Advanced Studies.
- SNELL-HORNBY, Mary (1988/1995). *Translation Studies: An Integrated Approach*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.
- VERMEER, H. (1986) ,“Übersetzen als kultureller transfer“. In: M. Snell-Hornby (ed.) *Übersetzungswissenschaft – Eine Neuorientierung*, 30-53.
- WILLIAMS, Raymond (1986). *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar.
- WITHERSPOON, Gary (1997). *Language and Art, In the Navajo University*. Ann Arbor, University Michigan Press.
- WITHERSPOON, Gary (1980). “Language in culture and culture in language”. In *International Journal of American Linguistics*, vol. 46, n. 1.